



Jornal das Senhoras – Tomo VI. – 2 de julho de 1854 – Edição 27

Link: https://hemeroteca-pdf.bn.gov.br/700096/per700096_1854_00027.pdf

3.º ANNO.

TOMO VI. — DOMINGO, 2 DE JULHO DE 1854.

JORNAL DAS SENHORAS.
JORNAL DA BOA COMPANHIA.

Modas, Litteratura, Bellas-Artes e Theatros.

O programma e condições deste jornal encontrão-se na ultima pagina da capa.

SELO: BIBL. NAC. E PUBL. DA CORTE

A'S NOSSAS ASSIGNANTES.

Com este n.º 27 começa o nosso segundo semestre, em favor do qual convidamos mais uma vez a todas as nossas assignantes que tão briosamente tem sabido sustentar a existencia do Jornal das Senhoras. Para o numero seguinte, annunciamol-o com a maior satisfação de nossa alma, vos daremos, senhoras, todos os figurinos que estamos devendo do semestre passado: felizmente chegarão ainda no mez de Junho pelo vapor Lusitânia, como tínhamos promettido, e só porque não puderão ser despachados em tempo, não temos mais o prazer de já os distribuir com o presente numero. D'agora em diante, confiamos em Deus, não passaremos mais por uma tão desagradável crise; e continuaremos a publicar regularmente Figurinos, Padrões de bordados e Musicas de delicado gosto, todos os domingos, conforme determina o nosso programma.

Este numero entretanto vai acompanhado de uma brilhante Schottisch intitulada EMILIA, musica que não desagradará ás nossas assignantes, pela vivacidade e gosto da sua composição.

As nossas assignantes, que, não obstante o nosso pedido, não quizerem mais continuar a obsequiar-nos com sua assignatura, terão a bondade de mandar participação neste intervallo á casa dos Srs. Wallerstein & C.^a, rua do Ouvidor n.º 70, afim de se lhes suspender a entrega do

jornal. Igualmente os nossos assignantes de fóra da corte são convidados a mandarem suas ordens, para que seja satisfeita a importância de sua assignatura, querendo elles que se lhes continue a remessa do JORNAL DAS SENHORAS.

A Redactora em Chefe.

27

— 210 —

CHRONICA DOS SALÕES.

Está passada a popular festa de S. João; ou por outra, findou-se o mais alegre mez do anno, o risonho e prazenteiro junho. Digão o que quizerem, esse mez foi e será sempre o mote das festas populares, da alegria, do enthusiasmo, e do prazer. As fogueiras de Santo Antonio, S. João e S. Pedro, os dados e os livros de sortes, os foguetes, as maquinas, os poeticos passeios que se derão por esses dias de folgança, as contradanças, as valsas e as schotisches, é todo esse cortejo de divertimentos que houverão no interessante mez de junho, o farão sempre lembrado com uma doce saudade; e para sua maior gloria deu-se nelle o facto honroso da visita imperial á pitoresca cidade de Nictheroy; facto que tem servido de assumpto á todas as conversações.

A vossa Francina, como vos disse no numero passado, foi para a Imperial Cidade, e ahi esteve até terça-feira gozando uma vida toda ella de encantos, e doces emoções. Ah! nem sei como pintar-vos tudo o que vi, e o que senti na prazenteira Nictheroy, capital da província do Rio de Janeiro. A formosa cidade ostentou por cinco dias todo o luxo, a gala, a riqueza, e o apparato de uma corte. O enthusiasmo, as effusões do coração, os gritos de alegria, erão por toda a parte unanimes, e por toda a parte Suas Magestades Imperiaes se convencerião que são amados por seu Povo — porque a mão beneficente da Magestade está sempre prompta a estender-se para abrigar àquelle que padece.

Com ella raia a esperança
No tecto que abriga o pobre,
Bem que queira não se encobre
Essa mão Beneficente,
Mão de Rei que extinga a dor!!

Suas Magestades Imperias desembarcarão em Nictheroy na sexta-feira pelas 11 horas da manhã n'uma ponte, expressamente construída para esse fim, defronte da rua de S. João. Ahi forão recebidas por todas as pessoas de diversas cathegorias, e pelo povo immenso que frenético saudava os Augustos visitantes. D'ahi seguirão para a nova Matriz, debaixo do pallio carregado pelos Vereadores da Camara, tendo logar o *Te-Deum* em acção de graças e a eloquente oração do Sr. conego Barbosa França; finda a qual forão para o Palacio, ricamente decorado, d'onde assistirão á parada da Guarda Nacional. Esta guarda mereceu elogios de todos; apresentou-se com um lusimento e garbo extraordinário: a secção de artilharia sobre tudo nada deixou a desejar. Ao Sr. capitão Cesar, me dizem, se deve o ter Nictheroy essa secção tão brilhante de artilharia.

Na tarde de sexta-feira Suas Magestades visitarão S. Domingos, o Ingá, a Itapuca, a praia de Icarahy, rua da Constituição e o Calimbá; e regressando ao Palacio, assistirão á procissão da trasladação das Imagens da Igreja da Conceição para a Matriz que foi feita com toda a pompa. No sabbado de manhã forão mui cedo á ponta da Armação, visitarão a Capellinha, aonde ouvirão missa, depois retrocederão, tomando pelo largo do Quartel-novo até á Ponta da Arêa, voltando a passar pelas principaes ruas da cidade. Assistirão depois á pomposa festa de S. João, e que se tornou notavel pela grande musica da missa, sendo os solos cantados por tres moças; e á tarde honrarão com sua presença a inauguração de — *Um asylo para a infancia desvalida*, que tomou o nome de *Santa Leopoldina*. Suas Magestades concorrerão com 5 contos de réis para esta fundação pia, e aberta logo uma subscripção entre as pessoas presentes, se tornou ella avultada pelas assignaturas valiosas que houverão.

Desta maneira a honrosa visita de Suas Magestades assignalou-se por um acto de religiosa caridade, que tornará lembrados os dias que estiverão na imperial cidade os Augustos Monarchas Brasileiros.

A' noite, depois do *Te-Deum* na matriz, SS. MM. virão do palácio um grande fogo de artifício, que é dito por todos ser o melhor que tem apparecido neste genero. A ultima peça do fogo tornou-se notavel pelas tres vistas, de cores differentes, que apresentou. Primeiramente uma inscripção — *Vivão Suas Magestades Imperiaes*; depois — *Viva S. João Baptista* —, e outra — *24 de Junho de 1854* —, como que para comemorar a maior gloria da capital da província do Rio de Janeiro. A' primeira inscripção as musicas tocarão todas o Hymno Nacional, e o popular provedor da Irmandade, o Sr. Dr. Dias da Motta, percorreu o largo de S. João dando vivas a Suas Magestades, os quaes erão freneticamente corréspondidos por mais de dez mil pessoas que atupetavão o largo brilhantemente iluminado apresentando a vista a mais bella possivel.

Parece impossível o povo que neste dia teve Nictheroy! Todas as casas se achavão cheias de madamismo, e em quasi todas houve função. A vossa Francina andou como uma borboleta: divertiu-se muito na casa do Sr. Navarro, rua da Praia, que se conservou por três dias sempre animada e bella, com lindas senhoras, e aonde tanto imperou a interessante moreninha, que outr'ora foi a mimosa flor do *Bom-Jardim*. Depois passou-se para a casa de um cavalheiro da Legião de honra, aonde tambem passou horas as mais deleitaveis possiveis, pois que tambem era reunião florida, e havião bem inleressantes senhoras, distinguia-se muito uma linda *rosa*, digna esposa de um bello moço. Pena foi que um terror panico de chuva fizesse com que o fogo fosse atacado ás 8 horas da noite, e que terminasse por esta maneira á meia noite as festas do dia.

No domingo Suas Magestades forão para S. Gonçalo, e na fazenda de Cordeiros, pertencente ao Sr. Barão de S. Gonçalo, aceitarão um esplendido almoço, que este distincto cavalheiro deu. Os illustres hospedes tiverão um recebimento o mais pomposo possível; a casa do Sr. Barão tocou á magnificência a um luxo asiático, e ahi nada houve a desejar. Mas o que se tornou digno de uma menção honrosa foi a estrada que de Nictheroy vai ter a S. Gonçalo. Só quem por ella passou poderá fazer uma idéa com artificialmente se póde apresentar um pomar florescente e verdejante com seus lindos fructos e encatar a vista. O trabalho de um genio e o desenvolvimento de um talento se demostravam no estado

— 211 —

em que se viu o caminho, e para maio elogio bastará dizer que tudo isso foi obra do incansável Presidente da Camara Municipal, o prestimoso cidadão Dr. Marcos Christino Fioravante Patrulhano, o homem apprehendedor a quem Nictheroy já deve muito, e que de certo ha de ainda colher grandes fructos da sua sabia presidencia municipal.

Na tarde de domingo forão SS. MM. visitar a igreja de S. Lourenço e seus arrebaldes, e á noite honrarão pela primeira vez o theatro de Santa Thereza, que estava um céu aberto. As nossas bellas ostentavão ahi todas as suas graças e encantos. Representou-se o grande drama — *Benvenuto Cellini* —, aonde o Sr. João Caetano brilhou. Suas Magestades forão recebidas com grande ovação. Os vivas retumbavão com furor quando o Sr. José Bernardino de Moura, de um camarote, recitou o seguinte soneto:

Estes vivas, Senhor, d'um povo inteiro
Saúvão o Monarcha o mais querido,
A'quelle que soccorre o desvalido,

Que rege, como Pai, o Brasileiro!

A'quelle que dos homens o primeiro,
Ao ultimo sua mão tem estendido,
A justiça igualmente dividido,
Fazendo-a chegar ao derradeiro!

Estes vivas, Senhor, a vós são dados,
Que juntamos ao poder Alta Clemência,
E por quem orão tantos perdoados.

Estes vivas, Senhor, e reverencia,
Do povo de Nictheroy, são também dados —
AO FILHO DO HEROE DA INDEPENDENCIA.

Seguirão-se depois a recitar, dous poetas muito conhecidos, os Srs. Dr. Ernesto e Innocencio Rego; o primeiro em uma brilhante allocução exprimiu os sentimentos de que estava possuido o povo de Nictheroy; o segundo nas harmonias da musa pediu á Suas Magestades que acolhessem os votos do Povo, porque erão votos de puro amor. Todos estes senhores forão applaudidos, e o theatro de Santa Thereza teve uma noite de grande gloria e enthusiasmo.

Na segunda-feira de manhã forão Suas Magestades passear ao Fonseca, depois visitou o Imperador as Repartições publicas, escolas, estabelecimentos, etc.; e ás 5 horas foi lançar a primeira pedra para a construção de uma Praia do Mercado, beneficio que a população de Nictheroy tem de agradecer ao prestável empreendedor Presidente da Camara Municipal. A' tarde dirigiu-se de passeio até a Jurujuba a visitar o Lazareto. Na terça-feira visitou ainda alguns arrebaldees que lhe faltavão, e ás 4 1/2 horas da tarde voltárão Suas Magestades para a corte, seguindo a pé do Palacio até o embarque, entre as alas do povo, deixando assim os Nicthetoyenses cheios de saudades pela honrosa visita.

Durante estes cinco dias em que a côrte se passou para Nictheroy, tudo ali foi alegria, e prazer. A cidade se illuminava toda, as musicas sem cessar nos encantavao, principalmente a do 4.º de Fuzileiros da corte, que tanto brilhou nas differentes peças que executava; o povo atupetava as ruas e praças, e o enthusiasmo se desenvolvia por toda a parte. E tudo isto findou-se! Tanto riso, tanta alegria, e tanto prazer, para depois a saudade nos martyrisar!!

Três homens houverão em Nictheroy que distinguirão-se nesta festa: O Exm. Sr. barão do Rio Bonito, que a nada se poupou para brillantemente hospedar seus illustres hospedes; o

Presidente da Camara, que foi incansável para apresentar o povo viu; e o Sr. Dr. Motta, pela festa da Igreja.

Por fallar na Igreja, não me esqueça dizer que gostei da sua docoração singela e formosa: nada tem a matriz de notavel notavel; espaçosa bastante, dizem porêem os entendedores que está cheia de defeitos; até me disserão que ignorão ainda a qual das tres ordeus de architettura pertencia a della, mas como a vossa Francina não entende nada disso, gostou muito de tudo; e de tudo só tem hoje uma doce e viva saudade, porque bem vivas ainda lhes estão as doces impressoes que teve durante os cinco dias que passou na prasenteira e pitoresca cidade de Nietheroy. mas tambem de que mais fallar, se durante a semana outro assumpto não houve senão o da visita Imperial aquella cidade? E M.me Charton? me perguntará por ahi alguma minha leitora *dillettant*:. Ah! é verdade; a nova cantora tem arrebatado aos seus numerosos ouvintes. M.me Charton canta e representa; graciosa e meiga, ella nos infiltra no coração as doces melodias do seu canto, e quem a ouve freneticamente ha de applaudil-a. E' artista de grande merecimento. Eis a opinião da vossa Francina, queridas leitoras, que termina aqui a *chronica* dos Salves, recommendando-vos o espectáculo francez do theatro de S. Francisco na segunda-feira, pois que a companhia de que faz parte MII. Favrichon é digua por certo de ser animada, afim de que os interessantes *vaudevilles* não desapareção d'entre nós. Consta-me que levão á scena na segunda-feira os lindissimos *vaudevilles* *La Barone de Blignac é Nysus Euryale*, com o bello *bluette* - *Ca n'est pas perdu*, e uma cançoneta hespanhola.

O theatro francez é o *rendez-vous* do mundo elegante, e por essa razão não o devemos abandonar.

Basta por hoje. Domingo serei comvosco.

1.º de Julho de 1854.

Francina Oscenia.

— 212 —

A INFANCIA DE MOZART OU OS PEQUENOS ARTISTAS.

I.

Junto á cidade de Praga, sobre um outeiro chamado Kosohéz, todo coberto de vinhas, e a cujos pés correm com grande estrondo as arrebatadas águas do Moldau, que vão dali perder-

se entre as escuras florestas da Bohemía, se avistava uma pequena habitação, cujo exterior manifestava a pobreza de seus moradores.

Em uma camara deste modesto albergue estavam uma noite reunidos um musico, antigo mestre da cathedral de Praga, sua mulher e dous filhos, um rapazinho de seis annos e uma menina que ainda não completara os onze. A mais profunda miséria parecia reinar sobre esta família. Fazia muito frio, e nenhuma faísca de lume brilhava no fogão. Os vestidos dos pequenos erão ainda menos máos; porém os de seus pais estavam reduzidos á ultima extremidade; custaria a conhecer a fazenda de que havião sido feitos. Quatro cadeiras velhas, uma banca e uma espinheta ordinária compunhão toda a mobília desta camara.

Um morno silencio, que cada um de per si parecia não ousar interromper, pesava sobre todos os membros da família. A mãe fiava na sua roca; o pai lia em uma velha bíblia; a menina fazia meia; e o pequeno, que depois de alguns instantes contemplava tristemente seu pai, sua mãe e sua irmã, levantando-se de repente, e trepando a custo a um alto banco que o elevava á altura da espinheta, se pôz a tocar. Ao principio só preludiou alguns motivos; pouco depois passou a uma sonata que ninguém julgaria executada por uma criança daquella idade; mas, pouco a pouco, abandonando-se a sua imaginação ardente, seus pequenos dedos voavão sobre o teclado, e delle tiravão sons tão fortes e melodiosos, harmonias tão ternas e expressivas, que as lagrimas assomarão aos olhos dos que o ouvião.

O pai havia posto de parte o seu livro; o fuso ficara immovel entre os dedos da mãe; a menina tinha largado a meia sobre o regaço, e todos escutavão arrebatados o joven musico.

— Vem abraçar-me, meu querido Wolfgrand, exclamou enfim, o mestre da capella, com o enthusiasmo próprio de um artista e de um pai; tu serás um dia um grande homem, um grande compositor... Pobre criança, e que não tenha eu meios de te fazer feliz!

— Oh papá! diz o pequeno Wolfgrand depois de abraçar seu pai e animado pelas suas caricias, quando vamos nós cear? Eu já tenho muita fome!

— Pobre criança! diz a mãe com uma voz dolorosa: pobre criança!

E, levantando-se, foi abrir o armário, tirou delle um bocado de pão e o levou a seu filho.

— Toma; disse ella enxugando a furto uma lagrima; come; não tenho mais nada que te dar.

— E para mana? pergunta Wolfgrand pegando no bocado de pão.

— Ali há outro bocado igual, quando ella tiver fome.

— E para Vm., mamam?

— Para mim?... Eu não tenho vontade.

— E para o papá? acrescentou o menino, deixando ver em seu rosto uma certa inquietação.

— Teu pai... também elle não tem vontade. Come tu, meu anjo, come.

E a boa mãe já não podia conter as lágrimas.

Então a pequena Frederica põe de parte a sua obra, corre á sua mãe, lança-se-lhe nos braços, e lhe diz soluçando:

— Vm. não tem mais pão para si e para o papá, e é por isso que nos diz que tem vontade. Pois bem; também eu não tenho vontade.

O pequeno Wolfgrand olhava para sua irmã, para sua mãe, e ainda não tinha tocado no seu pão.

— Não, minha filha, meu amor; eu não tenho fome. Come o teu bocado de pão descansada, minha Frederica.

— Pois sim; mas com uma condição, que Vm. ha de comer metade.

— E eu repartirei com o papá, disse o Wolfgrand partindo o seu bocado de pão, e offerecendo metade a seu pai. Tome, papai, tome... ah! não quer? Pois, tão certo como eu chamar-me Wolfgrand Mozart, que, se Vm. não comer esta metade, também eu não tocarei na minha.

Duas lágrimas cahirão dos olhos do velho musico sobre o pão que seu filho lhe offerecia.

— Façamos a vontade a nossos filhos, disse elle para sua mulher, e, aceitando o pão das mãos do pequeno, oh! meu Deus! que triste cousa é ser pobre!

— Pois Vm. é pobre, papá? pergunta Wolfgrand com uma tocante ingenuidade.

— Oh! sim, bem pobre!... E, comtudo, meus filhos, depois que vocês nascerão, ou antes desde que sou casado, tenho levado uma vida bem trabalhosa para poder sustentar minha velha mãe, minha mulher e sete filhos que o Céu me concedeu. Eu tinha então o salário do meu emprego de mestre da capella; mas se levarmos em conta os partos, as doenças, os enterros e outras semelhantes despesas que tive de supportar, ninguém pensará que eu pudesse uma só vez arredar um real para meu divertimento. E, todavia, não obstante tantos esforços e tão constante economia, eu não podia deixar de contrahir dividas, que depois nos reduzirão a este estado de miséria.

— E' bem verdade! exclamou suspirando a esposa do velho musico.

Os dous meninos escutavão seu pai, de boca aberta, e sem ainda haverem tocado no seu pão.

— Todas as horas que restavam do meu emprego, continuou o mestre da capella, eu as consagrava á vossa educação, meus filhos, para que um dia pudessem vir a ganhar para si.

— E tambem para Vm., papá, respondeu Wolfgrand com um ar serio, que contrastava singularmente com a graça infantil de seu rosto e com sua voz delicada; pois que Vm. até aqui tem trabalhado para nós, nós devemos daqui em diante trabalhar para Vm.

— Tu és ainda muito pequeno, meu amiguinho.

— Muito pequeno! replica Wolfgrand, um pouco

— 213 —

despeitoso destas palavras, muito pequeno! eu já sou da altura do meu piano, e já posso ganhar dinheiro.

— Oh! meu querido amor! diz a mãe afagando com seus dedos descarnados os louros cabellos do menino; e que podes tu fazer, tão criancinha e tão fraco?

— O papá, que entende bem disso, diz que eu já sou um grande mestre no piano. Pois então darei lições de musica.

O pai e a mãe soltarão um sorriso no meio das lagrimas que lhes arrancava esta scena terna e interessante.

— E a quem has de tu dar lições, meu querido? Onde acharás discípulos mais pequenos que tu? lhe disse a mãe beijando-o com enthusiasmo.

— Dal-as-hei a outros maiores; então, que tem isso?

— Wolfgrand poderá ter razão, minha mãe, disse Frederica, como tocada de uma idéa repentina. Ora ouça. Domingo passado, indo eu passear com elle junto daquelle palácio que está ao pé da estrada, uma linda senhora que estava á janella chamou-nos para nos perguntar se nós éramos os filhos do mestre de capella Mozart. — Sim, minha senhora, lhe respondi eu fazendo-lhe uma mesura. — E este menino, continuou ella apontando para meu irmão, o que toca já piano tão maravilhosamente? — Para a servir, minha senhora, respondeu Wolfgrand. — Ella então pediu-nos que subíssemos, e convidou Wolfgrand para tocar alguma cousa: por signal que era um piano bem lindo, meu papá! de uma madeira muito lustrosa e com muitas flores de ouro!... Meu irmão tocou, e eu cantei; e a senhora ficou tão contente de nós, que nos deu aquella bello ducado de prata que eu lhe entreguei quando voltamos, mamã.

— E tambem então me contaste essa mesma historia: para que foi, pois, repetil-a agora?

— Oh! eu já adivinho, respondeu Wolfgrand muito alegre. Se o papá quizer, eu e minha irmã iremos correr terras: nós somos galantes, a senhora do palácio assim o disse; todos nos chamarão; Frederica cantará, e eu tocarei piano, e assim ganharemos muitos ducados que lhes viremos trazer, para Vms. não serem mais pobres e terem muito dinheiro.

— E o mais é que não parece muito desacertado, disse o velho musico maneando a cabeça.

— Oh! não tenha medo, mamam, diz o pequeno Wolfgrand; a Frederica talvez, que é mais delicada; porêm não a mim, que sou forte. Há dias que eu subo e desço dez vezes o outeiro sem cançar.

— Pela minha parte, respondeu Frederica, a felicidade de ser útil ao papá e aà mamam me daria forças.

— Oh! meus queridos filhos! exclama Mozart com uma extraordinaria explosão de sensibilidade, não, eu não sou desgraçado. Quando Deus dá a um homem dous anjos como estes, esse homem não pode chamar-se infeliz.

— Leopoldo, lhe diz a mulher com ar inquieto, pois quererias tu aproveitar-te dos talentos destas duas criancinhas?...

— E porque não, minha querida, se é essa a vontade de Deus que nol-os ha concedido?

— Mas é que eu tenho medo...

— Oh! Não tenha medo, mamam, diz o pequeno Wolfgrand, eu tambem não tenho medo. Hei de entrar pelas salas muito desembaraçado, assentar-me n'uma cadeira bem alta para chegar ao piano, e tocar enquanto quizerem, para me darem bastantes ducados.

— E depois, quando meu irmão estiver cansado de tocar, cantarei eu só, cantarei eu só, accrescenta Frederica. O' minha querida mamam, não se opponha ao nosso projecto: não nos tire a occasião de lhe sermos uteis. Eu pedirei todos os dias a Deus para que nos livre de perigos.

— Oh! sim, mamam, deixe-nos ir, diz Wolfgrand fazendo-lhe festa. Vm. verá como eu me porto bem, e como hei de ganhar muito dinheiro. Vm. tem-me dito muitas vezes que o bom Deus protege os filhos obedientes; pois então elle ha de proteger-me.

— Deus é grande, respondeu Mozart. Elle dá forças ao fraco, anima o timido e ajuda a quem nelle confia. Amanhã pôr-me-hei a caminho com os meus dous filhos: tu ficarás rogando por nós, e o nosso projecto será abençoado. Quando Deus reparte suas graças com mão tão pródiga a uma creatura, não fazer brilhar essas graças seria desprezar seu beneficio. O talento extraordinário que elle tem concedido a este menino deve ser por todos conhecido, para que todos o bemdigão. E demais, suppões tu que um pai terno e carinhoso pudesse abusar das faculdades de seus filhos? Elles vão commigo; eu os saberei guardar.

— Que a vontade de Deus seja feita, respondeu a boa mãe sempre obediente a seu marido.

— Ide, meus filhos, ide descansar. Amanhã, quando o sol nascer, nos achará já promptos a partir.

II.

Uma noite havia grande serenata em Vienna, nos aposentos da imperatriz d'Austria, Maria Thereza, mulher do imperador Francisco I. A mais brilhante companhia estava já reunida nos salões do palácio; não se via senão plumas, diamantes, vestidos bordados, ricos uniformes, quando, com grande admiração de todos, um homem vestido muito modestamente appareceu á porta do salão principal, trazendo dous meninos pela mão.

O ar deste homem era modesto e respeitoso, e o dos meninos franco e desembaraçado, sem parecerem intimidar-se á vista de todo este luxo, de todos estes grandes senhores, de todas estas vistosas damas que os miravão com a maior curiosidade.

— E' aquelle velho o mestre de capella com os seus dous filhos, de quem falla toda a côrte como de uma maravilha? perguntou a imperatriz ao grão-mestre de ceremonias.

— Sim, senhora, respondeu o official-mór; e posso assegurar a vossa magestade que, na verdade, são admiráveis. Ouvi-os hontem á noite em casa do embaixador de França, onde tive a honra de ser convidado: a pequena canta e toca com a maior perfeição; porém o rapazinho é um verdadeiro prodigio.

— Manda-os começar, disse a imperatriz. O mestre de ceremonias foi communicar a Mozart a ordem da Soberana. O bom velho acompanhou seus filhos até o piano, ao qual fez sentar ambos. A joven

Frederica trazia um vestido de seda branca mosqueado de côr de rosa, que fazia singularmente realçar sua graça natural: o pequeno Wolfgrand vestia um fraque e calças de panno azul-celeste, tudo guarnecido de galão de prata, que lhe ia ás mil maravilhas.

Frederica começou: a sua execução era tão rápida e tão brilhante que todos admiravão com enthusiasmo a força desta frágil e delicada menina. Quando acabou, uma voz geral de elogios se levantou á roda della.

— Oh! ainda isto não é nada á vista de meu irmão, respondeu ella graciosamente áquelles que a comprimentavão: ora, ouvi-o e vereis.

E, sem dar attenção a mais nada, a boa menina foi cuidar com uma solicitude verdadeiramente maternal, em que seu irmão ficasse bem assentado e em altura conveniente para que os movimentos dos seus curtos bracinhos não fossem constrangidos.

Então o pequeno Wolfgrand, sorrindo-se para todos que o rodeavão, metteu as mãos sobre o teclado, e, sem esforço, sem affectação, sem a menor idéa de que o seu talento pudesse causar a admiração geral, deixou correr seus alvos dedinhos de um para outro lado: elles parecião brincar com as teclas, voando sobre ellas e carregando ora n'uma, ora n'outra, ao acaso, e, de cada vez que as tocavão, sons puros, graves, sonoros e harmoniosos encantavão os ouvidos dos circumstantes. Todos os olhos estavam pregados sobre estes dedinhos tão ágeis, tão flexíveis, tão expressivos: o mestre de capella, mais exercitado, não saberia mostrar um conhecimento tão profundo da harmonia e das modulações como esta criança. A admiração e o interesse ganhavão todos os corações; o enthusiasmo tornou-se geral. Cobrirão o teclado com um lenço; mas tal era o conhecimento que d'elle tinha o pequeno musico que tocou por baixo do lenço com a mesma precisão e a mesma rapidez. O imperador, a imperatriz e toda a côrte estavam encantados.

Quando Wolfgrand acabou, fatigado, esbaforido e todo escorrendo em suor, a imperatriz fez-lhe signal para que a viesse abraçar. Elle levantou-se para a obedecer; mas, aturdido como estava do calor das luzes e do estrondo dos applausos e dos elogios, e com as pernas entorpecidas de haver estado tanto tempo sentado, ao primeiro passo que foi a dar sobre o pavimento lustroso e encerado escorregou-lhe o pé e cahiu. Uma joven dama levanta-se precipitadamente da sua cadeira e corre a elle para o levantar:

— Fizeste-vos algum mal, meu amiguinho? lhe disse ella com a mais tocante bondade.

Como deslumbrado da belleza desta dama, o menino ficou um momento em silencio olhando para ella; mas bem depressa recobrando seu desembaraço, e apertando entre suas mãozinhas delicadas a mão não menos delicada da joven senhora, elle exclama:

— Oh! é bem bonita esta senhora! Diga-me, quer casar commigo?

Uma grande risada foi a resposta a estas palavras; porém o menino, sem se desconcertar, continuou:

— Eu chamo-me o mestre Wolfgrand Mozart, e a senhora como se chama?

— Eu, Maria Antonietta, respondeu a joven senhora com uma voz tão doce que penetrava até o coração.

Ai! esta bella dama que o pequeno Mozart tão ingenuamente convidava para sua mulher, era a archiduqueza d'Austria, depois rainha de França e, todavia, tempo veio em que a nobre senhora teria por grande felicidade ser a mulher de Mozart! Alguns annos depois, no dia em que este grande compositor era coroado publicamente e saudado pelos vivas de toda a povoação de Vienna, nesse mesmo dia a joven e bella Maria Antonietta, a rainha de França, a esposa de Luiz XVI, subia ao cadafalso entre as vozerias e os insultos da populaça de Pariz!... Tal é o destino dos humanos! Deus o tem em sua mão e o occulta a nossos olhos! Mas, qualquer que elle seja, triste ou risonho, prospero ou desgraçado, uma consciência pura nos consolará no infortúnio, assim como nos ajudará a sentir mais vivamente a felicidade.

Voltando ao nosso pequeno heróe, tinha elle passado dos braços da archiduqueza para os da imperatriz, e, sentado sobre os bons joelhos, recebia de sua mão soberana bolos, flores e presentes de toda a espécie.

— Como elle está suado! disse a imperatriz limpando o rosto do pequeno musico com seu lenço perfumado. Mas de estar muito cansado, não é assim, meu menino?

— Oh! não, senhora, respondeu Wolfgrand trincando um biscoito; eu fico tão contente quando dou satisfação ao papá, que não posso sentir por isso alguma fadiga.

— Que bom coração! replicou a imperatriz: então amas tu muito a teu papá?

— Pois se elle é tão bom! E vós tambem, madama, sois bem boa! Como vós, o papá me faz muitas festas, e nunca se enfada commigo.

— E' porque tu és bem procedido.

— Oh! enquanto a isso, sim, senhora; mas não me custa muito ser bem procedido: faço o que o papá quer, e elle fica muito contente.

— Porém ha de enfadar-te o estar sempre a tocar piano.

— A fallar a verdade, ás vezes não gosto muito; porém o papá diz-me que nem sempre a gente póde fazer o seu gosto.

— Ora, sabes tu que, se continuares assim, virás a ser um grande mestre?

— Assim o espero, madama. Quando eu fôr grande, comporei burletas, operas serias....

Oh! como o papá ficará contente quando me vir applaudir muito!

— Ora diz-me, meu amiguinho, queres ficar na minha côrte?

— De boa vontade, madama; mas primeiro hei de ir correr mais terras: o papá quer levar-me á França, á Itália, á Inglaterra, não sei mais aonde: mas, depois de vir de lá, se o papá quizer, eu estimarei muito ficar com vosco, porque sois muito boa.

Assim aconteceu. Depois de se haver feito admirar nas principaes côrtes da Europa, o joven Mozart veio estabelecer-se em Vienna, onde a família imperial o acolheu sempre com distincção, e lhe fez bons partidos.

Era para admirar tão grande talento em tão curta idade. O compositor de Mithridates, quando seus

— 215 —

dedos estavam cançados de escrever musica, deixava o piano, as pennas e o papel, e ia saltar pelas casas: e quem diria, vendo aquelle estouvado, que elle acabava de derramar sobre o papel thesouros de harmonia!

O filho do pobre mestre da capella de Praga foi honrado por príncipes e imperadores. Qualquer que seja o estado do homem, elle gozará sempre de consideração na sociedade, se se esforçar por ser o primeiro na sua profissão, e tiver uma conducta honesta e virtuosa.

EUGENIA FOA.

POESIA.

SONETO

OFFERECIDO A' ILLM.^a E EXM.^a SRA. D. BALBINA
ROSA DE AMORIM, NO DIA ANNIVERSARIO DO SEU
FELIZ NATALICIO.

Um dos mais bellos, mais risonhos dias,
De graças, de esperanças, e de encanto,
E' este em que nasceste, — puro e santo,
Só votado á celestes alegrias!

Seus brilhos, e perfumes, e harmonias
Em mim, senhora, tem um poder tanto,
Que obrigão-me a chamal-o — em pobre canto —
Um dos mais bellos, mais risonhos dias!

Permitta o Céu, que o vejas largos annos,
Volver — inda mais caro em formosura,

Sem vislumbres de dor, tristeza, e damnos.
Ah! queira o Ser, que habita a excelsa altura,
Prazeres outorgar-te — sobre-humanos,
E a mais completa, perenal ventura!

SONETO

OFFERECIDO A' ILLM.^a E EXM.^a SRA. D. R. F. A. G.
NO DIA ANNIVERSARIO DO SEU FELIZ NATALICIO.

Se é bello ver nascer a meiga aurora
Tingindo o Céu de purpurinas côres,
E mil tenros — alligeros cantores
Saudando — a estrella d'alva — seductora,

Se é bello ver a rola gemedora
Beijando os filhos seus, os seus amores;
Se é bello ver do prado entre os verdores
A luz do sol — divina — encantadora!

Se é bello ver a lua prateada
Surgir por sobre nuvens — fulgurante,
De tantos lindos astros escoltada;

Mais bello é ver teu lindo — almo semblante,
Neste dia só teu, Rosa adorada,
Tornar-se — de alegria — deslumbrante!

OS SEUS OLHOS.

Vi uns olhos de mancebo,
E que lindos que elles erão!..
Quizera não os ter visto,

Pois tanto mal me fizeram!...

Erão tão lindos... tão bellos;

Erão mesmo de encantar!

Brilhavão como as estrellas,

No Céu estão a brilhar.

Mas hoje devo esquecel-os....

Forão falsos e traidores!

Nunca os devêra ter visto,

Que me matarão de amores.

D. M. C. da Silveira Sequeira.

MULHERES CELEBRES.

(Continuado do n.º 9.)

FANNIA, mulher de Caio Titinnio, e conhecida por galanteadora antes de casar; entretanto Titinnio não deixou de esposar-a, na intenção de effectuar o divorcio, e ficar-lhe com o dote. Apenas teria tempo de conhecê-la, e logo accusou-a de adulterio; não lhe faltando quem testemunhasse o facto; porém, sendo a queixa affectada a Mario, este, que presentiu o desígnio do marido, sentenciou-o á restituição do dote, e a mulher á uma multa de quatro soldos. Algum tempo depois foi Titinnio declarado inimigo da republica, e constrangido a fugir de Roma: Fannia, esquecida da injuria que lhe elle fizera, e para mostrar-lhe o contrario do que se tinha dito a seu respeito, recebeu-o em sua casa fóra das portas da cidade, e tratou-o com todas as attenções e respeitos que se pódião esperar de uma esposa sem mancha.

FÉDELIA AURELIA, celebre actriz italiana. Rainha da scena, representava os papeis de que a encarregavão, com tal originalidade e tanta poesia que arrebatava ao mais indifferente espectador! Educada com a leitura dos illustres poetas do seu paiz, aprendeu e acostumou-se a usar da linguagem sublime e divina — a poesia italiana —, e doou á patria muitas producções engenhosas, que se achão reunidas em um volume intitulado: *Restituti di Pindo*.

FELICIA RASPONI, philosopha e theologa; nasceu em Ravenna em 1525, morreu em 1570. Foi tão linda e sabia, como caridosa: seu corpo, sua alma e imaginação erão tres obras primas da natureza. Annibal Caro, illustre poeta italiano, um dos melhores traductores da

Eneida, deixou á posteridade o seu retrato descripto em três bellissimos e delicados sonetos. Escreveu, além de outras obras cujos títulos nos falthão: *Delia coanizione di Dio e rayionamento*; *Dialogo sobre a excellencia do estado monacal*.

FELICIANA EUPHROSINA, theologa; nasceu em Calahorra em 1504, morreu em 1652. « E' dessa illustre mulher, diz um critico portuguez, a obra que corre impressa sob o titulo de *Recreação espiritual*, em vinte capitulos, obra escripta com uma singeleza sem igual, e com tanta discrição e doutrina que muito serve para as pessoas do seu sexo que se propõem a seguir o estado de freira... »

FELICIANA DE GUSMAN, natural de Sevilha. Escreveu: *Tragi-comédias*; *Los jardines y campos sabios*.

FELICIANA DE MILÃO, poetisa; nasceu em 1632, morreu em 1705. Escreveu em grande numero Epistolas e Discursos. Era summamente elogiada pelos engraçados apothemas que sempre envolvia quer na sua conversação, quer nos seus escriptos.

FELISBERTA FLEURS, sabia do XVI século; compoz muitas poesias, das quaes desgraçadamente só se conhecem os titulos. Comtudo ainda della existe, ou existia durante a vida de Villemain, um poemeto denominado — *Os suspiros da viuvez* —, onde deplora a perda de seu marido, Jean de la Bauline.

FERRER, da academia de Valença; pintora hespanhola. Inspirada pela arte, logo no começo de seus dias, contava apenas dezenove annos, já seu nome era conhecido e apreciado. Os elogios dos contemporaneos, a nomeação de sócia honorária da academia, as distincções e respeito dos escriptores pátrios, forão os prêmios outorgados a esse joven talento extincto ao desabrochar, quando delle se esperavão outras obras que melhor exprimissem a poesia e a concepção que lhe borbulhavão na mente.

FEUILLET (A Sra.), Viveu no XVII século, empregando as suas horas vagas na traducção e composição de vários livros mysticos. Os mais lidos e procurados são: *Os sentimentos christãos*, e os *Pontos de contacto entre as prophcias e o Evangelho*. Neste ultimo demonstra ella que os principaes mysterios predictos no antigo Testamento tinham sido cumpridos.

FINNA, filha de Leão VI, ultimo rei rupeniano da Citicia. Na guerra desse estado contra os Egypcios rão, ella e seus pais, aprisionados pelo inimigo, e conduzidos ao Cairo (1754); porém, depois de oito mezes de captiveiro, restituirão-os á liberdade, vindo a princeza habitar em Jerusalém. Seu talento e as tristes recordações que nascem em uma alma christã á vista dos logares em que finou o Redemptor da humanidade, produzirão uma mui interessante obra: *A descripção, em verso e prosa, de todos os sítios da Terra Santa*.

FLAVIA FAUSTA, filha de Maximiano-Hercules e mulher de Constantino, rei das Galhas. As qualidades dessa princeza grangearão-lhe no principio do seu reinado as atenções do povo, a quem, usando da ascendência que tinha sobre seu marido, soccorria com incessantes benefícios. Fausta era o modelo das mãis, das esposas e das soberanas, e, sabendo ligar em seu peito estes tres amores, partilhava com elles todos os seus momentos; mas a desgraça a perseguia, e não queria vel-a tão venturosa. Maximiano aconselhou-a que trahisse seu marido, e se apoderasse das rédeas do governo, promettendo prestar-lhe mão forte, e vir em seu auxilio com os precisos soccorros; Flavia, porém, simulando concordar em tudo, descobriu a Constantino esses culpaveis desígnios, e, attenuando a conducta de seu pai, procurou livral-o de uma morte certa. Constantino, receioso de uma guerra, e conscio da ambição de seu sogro, lançou mão d'elle, e foi o assassinar como pretendente dos seus estados. Desde então o braço da Providencia descarregou repetidos golpes sobre a mísera princeza: seus costumes perfeitos e baseados em uma solida educação tornão-se asquerosos !.... Tudo foi olvidado, e Flavia entregou-se ao que havia de mais vil nas paixões desordenadas, levando o seu arrojo a requestar o amor de Crispe, filho de Constantino, que, negando-lh'o, foi por ella accusado de seductor, e por isso morto a mandado de seu pai. Constantino, sabendo mais tarde a verdade, não trepidou no auge do desespero em commetter terceiro crime, e fez morrer Flavia afogada em um banho (327). « Assim pereceu, diz um historiador latino, esta princeza, filha, mulher e irmã de imperadores, e mãe de tres príncipes que também se revestirão da purpura imperial! »

FLORENTINA DE BOLONHA, escriptora de subido merito. Entre as suas producções, é a seguinte a de maior nomeada: *Excellencia da virgindade*, 2 livros.

(Continúa.)

O logogripho do n.º 26 é: *Saudade*; a charada, *Anathema*; e o enigma, *Vela*.

Acompanha este n.º 27 a musica de uma Schotisch intitulada *Emilia*.

TYP. DO *Jornal das Senhoras*, RUA DO CANO N. 165.